

JESUS MORREU PARA NOS SALVAR?

Esta é uma pergunta que sempre que for feita deverá levar todo ser humano a uma reflexão - não sobre a morte Dele propriamente dita, mas sobre a finalidade da sua vinda ao nosso Planeta . Isso porque os "donos" da religião da época em que Ele encarnou deturpam a verdadeira finalidade da sua missão ao plano físico na Terra, que foi trazer os seus ensinamentos, pois basta termos um pouquinho de raciocínio lógico para atentarmos que ninguém, mas ninguém mesmo, encarnou aqui na Terra que não tenha morrido. E que não nos venham com essa de que Henoc e o profeta Elias, não morreram porque foram arrebatados vivos para o céu! Por que dizemos isso? Pelo simples fato de que Jesus, que foi maior que todos os profetas, mesmo tendo sido objeto de arrebatamento (Mt 4:1, Mc 1:12 e Lc 4:1), também morreu. Tanto morreu, que os novos "donos" da então nova doutrina pregada por Jesus, em função da maneira em que se deu a sua morte, associaram-na aos sacrifícios do Velho Testamento, em que animais eram imolados como forma de "abrandar" a ira do Deus dos hebreus, visando o perdão dos pecados cometidos.

E por falar em hebreus e pecados, sugerimos ao leitor passar uma vista d'olhos no capítulo 9 da epístola aos hebreus, com atenção aos versículos de 10 a 15, dizendo este último: "15. *Por isso ele é mediador do novo testamento. Pela sua morte expiou os pecados cometidos no decorrer do primeiro testamento, para que os eleitos recebam a herança eterna que lhes foi prometida.*" (Boa Nova - Bíblia Católica, grifo nosso) Nesse caso, fatalmente, verá que os líderes religiosos da época optaram pelo entendimento de que a finalidade da vinda de Jesus à Terra foi morrer para remir os pecados cometidos no decorrer do primeiro testamento, no dizer do citado versículo 15, em vez de vir ensinar as verdades sobre a forma de como o ser humano deve nortear a sua maneira de proceder, visando sua evolução espiritual, que os ditos líderes religiosos denominam de salvação da alma. Em função desse versículo 15 podemos, sem medo de errar, deduzir que:

- os pecados cometidos durante a vigência do velho testamento, isto é, até a morte de João, o batista (Lucas 16:16), foram remidos com a morte de Jesus, inclusive aqueles cometidos pelas pessoas que nasceram antes e morreram após a morte de João.

É nesse ponto que as coisas começam a se complicar, em termos de aplicação da justiça divina, pois, para os que nasceram e morreram durante a vigência do primeiro testamento (até a morte de João), todos eles tiveram os seus pecados perdoados e, portanto, foram para o reino dos céus; já quanto àqueles que nasceram antes e viveram até após a morte de João, só tiveram parte dos seus pecados perdoados, não podendo ir para o reino dos céus, se cometeram pecados após a morte de João, ainda que tenham sido cometidos antes do sacrifício (morte) de Jesus, já que "a lei e os profetas vigoraram até João". Isso porque, como se vê, o perdão foi dado em relação aos pecados cometidos em um período determinado.

E nós, que nascemos depois?

Assim, podemos deduzir que, inclusive, em função do referido versículo 15, o "pecado original" (e põe original nisso) também foi perdoado, já que, para nós, admitida a sua existência, ele foi cometido na vigência do Antigo Testamento. Entretanto, se os "hermeneutas" surgirem com o argumento de que a lei só foi estabelecida no Sinai, com as duas tábuas, e que, portanto, o pecado original está fora dessa revogação, até poderíamos concordar com tal proposição.

No entanto, se a lei só tiver sido estabelecida com o advento dos DEZ MANDAMENTOS, a dedução lógica é a de que antes deles não havia lei; logo, como não havia lei, não havia possibilidade de existir a desobediência, pois não pode existir

desobediência quando não há norma proibindo determinado tipo de atitude. Ou pode? Os hermeneutas que o digam...

Além do mais, se a finalidade do "sacrifício" de Jesus foi o perdão dos pecados anteriormente cometidos, isto é, durante a vigência do Antigo Testamento, temos que supor que a finalidade do "sacrifício" de Jesus foi "passar a borracha" no passado da raça humana, ou seja, apagar toda falta cometida durante a vigência da lei a que se refere o perdão; claro, não?! Mais ainda: se o sacrifício de Jesus não foi para o esquecimento dos pecados cometidos durante o primeiro testamento, então por que em Hebreus consta essa informação?!

Logo, com isso, ficamos diante da situação de que, se ainda quisermos acreditar que alguém (no caso, Jesus) morreu para nos salvar, teremos que "providenciar" outro "Cristo" para pagar pelos pecados cometidos pela humanidade no período pós-morte de João até a vinda de um novo salvador.

Tomemos, ainda, o seguinte exemplo: Um líder religioso toma a decisão de ir pregar uma nova doutrina, em um país onde o poder religioso se confunde com o poder político, como acontecia com o povo hebreu, na época de Jesus. Suponha o leitor que as lideranças religiosas se sintam ameaçadas em seu poder religioso, e pela sua proximidade e influência em relação ao poder político, forcem as autoridades políticas a tomar uma providência contra esse pregador, dizendo que ele é uma ameaça à ordem pública, e que a punição aplicável ao fato, como aconteceu com Jesus, seja a pena de morte. Suponha, ainda, que esse pregador seja condenado e executado e os seus seguidores, em decorrência disso, se revoltam e fundem uma nova religião, baseados nos ensinamentos desse pregador, a exemplo do que aconteceu com os seguidores de Jesus. Nesse caso, perguntamos: esse pregador morreu para salvar do jugo dos líderes religiosos aqueles que aceitaram a sua pregação, ou morreu em decorrência de sua condenação pelo ciúme dos detentores de poder religioso que usaram o poder político para puni-lo? Claro que, tendo conhecimento dos riscos de morrer, que corria com sua atitude, ele assumiu esse risco. Já no caso de Jesus, não há que se alegar que Ele tinha conhecimento do risco, pois o que Ele tinha era a certeza da sua morte, posto que, tendo Ele participado da formação da Terra, Ele sabia que teria que morrer, como todos nós também temos essa certeza, apesar de ainda não termos atingido a evolução crística. Logo, não há que se falar em morte redentora, mas, apenas, que Ele morreu porque, de uma forma ou de outra, tinha que morrer, pois, desculpem-me pela irreverência, como diz a sabedoria popular, "ninguém fica para semente", ou seja, a única certeza que se tem quando se nasce é que se vai morrer. E não se diga que está implícito na Bíblia que Ele nos remiu pela sua morte, ou seja, que todos nós estamos salvos! Por que dizemos isso? Pelo simples fato de que em Hebreus 9:15 está explícito que a morte de Jesus expiou os pecados cometidos durante a primeira aliança, isto é, durante o Velho Testamento. Para confirmar o que dizemos, transcrevemos traduções diferentes do referido versículo 15, constantes em três edições da Sociedade Bíblica do Brasil, conforme segue:

"Edição Revista e Corrigida:

15 - E, por isso, é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna.

Edição Revista e Atualizada:

15 - Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados.

Nova Tradução na Linguagem de Hoje:

15 - Portanto, é Cristo quem consegue fazer uma nova aliança, para que os que foram chamados por Deus possam receber as bênçãos eternas que o próprio Deus prometeu. Isso pode ser feito porque houve uma morte que livrou as pessoas dos pecados que praticaram enquanto a primeira aliança estava em vigor."

Como o leitor poderá notar, embora os textos sejam diferentes no aspecto gráfico, semanticamente são iguais, já que em todos eles, embora não concordemos com a afirmação neles contida, está dito que a morte de Jesus foi para remissão dos pecados anteriormente cometidos. Mesmo porque o perdão só pode ser em relação a fato passado, pois, caso contrário, deixa de ser perdão e passa a ser homologação da impunidade, já que, de antemão, o pecador saberá que não haverá punição pela falta por ele cometida.

Daí, fazemos a seguinte colocação: se, como querem alguns, já estamos todos salvos, por que os que se dizem “enviados de Deus” continuam fazendo a pregação contra o pecado? Não é uma incongruência? E mais: como fica o **a cada um segundo as suas obras?** (Mt 16:27, Rm 2:6 e 1Pd 1:17) Inclusive em relação a eles próprios? Embora seja uma questão de foro íntimo, não resistimos ao impulso de deixar no ar: será que a prepotência e a hipocrisia deles os impedem de ouvir o que eles próprios pregam e de ver o que fazem?

Aqui, pedimos a atenção do leitor para o significado das palavras:

– messias

Datação

sXIII cf. FichIVPM

Acepções

■ substantivo masculino de dois números

1 Rubrica: religião.

para os judeus, redentor prometido por Deus para redimi-los, e à sociedade, estabelecendo uma nova ordem social de paz, de justiça e de liberdade

Obs.: inicial maiúsc.

2 Rubrica: religião.

para os cristãos, esse ser na pessoa de Jesus Cristo

Obs.: inicial maiúsc.

3 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.

indivíduo aceito como líder, capaz de propiciar um estado ou condição desejável numa sociedade; reformador social, salvador

4 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.

pessoa ansiosamente esperada

– cristo

Acepções

■ substantivo masculino

1 aquele que é ungido, consagrado [Designação única e específica para Jesus, o ungido do Senhor.]

Obs.: inicial maiúsc.

2 alguém que seja considerado salvador, redentor verdadeiro ou falso; messias

Ex.: <continuavam esperando o c.> <vários c. foram ali martirizados>

3 Derivação: por metonímia.

representação plástica de Jesus Cristo crucificado

Ex.: era um c. de ouro e acaju, impressionante, visceral

4 Derivação: por metonímia.

comenda, grã-cruz ou insígnias da Ordem de Cristo

5 Derivação: por metonímia. Uso: informal.

pessoa que se torna vítima de injustiças, maus-tratos, logros, ciladas

Ex.: sentia-se um c., tantos e variados eram os seus problemas

– ungido

Datação

sXIII cf. FichIVPM

Acepções

■ adjetivo

que se ungiu

- 1 que foi friccionado com unguento
 - 2 que recebeu unção dos óleos sagrados ou a extrema-unção
- ### ■ adjetivo e substantivo masculino
- 3 que ou o que recebeu as ordens de bispo (diz-se de eclesiástico)
 - 4 que ou o que foi sagrado (diz-se de um soberano)

Como o leitor poderá notar as informações acima nos dão a condição de deduzir que o significado de Messias, em relação a Jesus, indica que Ele é o enviado (redentor) prometido aos judeus, enquanto Cristo significa que Jesus é o ungiu (que foi sagrado - confirmado) como sendo o enviado prometido.

Aí perguntamos: onde está escrito na Bíblia que Jesus é o sacrificado (e não o ungiu), para ter a condição de ser considerado, ainda que figurativamente, o cordeiro imolado dos judeus?

Mais uma pergunta: qual a melhor forma de mostrar ao povo hebreu, no meio do qual surgiu o que hoje se chama de cristianismo, que essa nova doutrina era mais eficaz do que a desse povo?

Respondemos: Escolher aquele ritual que maior importância tivesse para o povo hebreu: o sacrifício anual relativo ao perdão dos pecados. Aí, entre os dirigentes do então incipiente cristianismo, deve ter surgido um "iluminado" que, visando dar-lhe uma estrutura de instituição sólida e duradoura, a exemplo da do Judaísmo, de onde ele se originou, deve ter sugerido aos demais dirigentes "transformar" a morte de Jesus em um sacrifício, por ter ocorrido de forma brutal, em analogia ao "cordeiro imolado" do Judaísmo; mas de maior importância do que a do cordeiro, por se tratar de um ser humano, e ainda do Messias, motivada por perseguição religiosa dos dirigentes do Judaísmo da época, em lugar da Sua verdadeira missão, que foi a de trazer os Seus ensinamentos. Assim, entre divulgar que Jesus veio com a missão de nos transmitir os Seus ensinamentos, e a de que ele morreu por nós, eles optaram por esta última; isso para não chocar os adeptos do ritual judaico do sacrifício para perdão dos pecados cometidos pelo ser humano, coincidentemente, durante a vigência do Antigo Testamento e, também, para introduzir a cultura da aceitação do sofrimento, com base no suportado por Jesus na cruz, senão como o único caminho da nossa salvação, pelo menos como um deles. Entretanto, para evitar a conotação de uma morte sacrificial semelhante à dos sacrifícios pagãos, porque os do Judaísmo eram apenas com animais e dirigidos a Deus, divulgaram-na como um ato de auto-oferecimento por parte do Seu filho, Jesus. Não é lógico esse raciocínio?

Assim, consideramos que a morte de Jesus não foi para salvar ninguém; ela ocorreu porque ninguém retorna à pátria espiritual sem que ocorra a morte física do seu corpo, sem polemizar sobre a de Elias e a de Henoc, que muitos afirmam não ter ocorrido, por terem sido eles arrebatados em corpo e alma para o céu, em contradição com a afirmação categórica de Jesus de que "a carne de nada serve" (Jo 6,16), bem interpretada por Paulo, ao dizer que "a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus" (1Cor 15,50). Portanto, priorizar a morte Dele na cruz, em detrimento dos seus ensinamentos, é a mesma coisa que dizer que é mais importante a presença do professor na sala de aula do que os ensinamentos por ele ministrados; concorda o leitor? Veja que desde antes do advento da Internet já existiam os famosos cursos por correspondência, onde a presença do professor ao lado do aluno já era dispensada. Entretanto, não se aprende sem os ensinamentos recebidos; é o que acontece com todos nós. Estamos a cada momento aprendendo com a leitura da Bíblia. E onde está o professor? Já morreu há 2000 anos, mas os Seus ensinamentos permanecem. Logo, a nossa salvação não está no simples fato de acreditarmos que a Sua morte foi para nos salvar, mas pelo cumprimento dos ensinamentos por Ele deixados.

Finalmente, tendo em vista o acima exposto e levando em consideração que:

- a) em nenhuma parte da bíblia consta que Jesus tenha dito que veio morrer para nos salvar;
- b) em Lucas 4,43 está escrito: "Mas Jesus disse: «Devo anunciar também **a outras cidades** a Boa Nova do Reino de Deus, **pois é para** isso que fui enviado.»"; (grifei)

concluimos que Jesus não veio morrer por nós, mas, sim, nos trazer os Seus ensinamentos, já que a Sua morte se consumou quando o espírito se despreendeu do corpo na cruz, enquanto os Seus ensinamentos permanecem; é só verificarmos que da Sua morte só temos notícia; mas os ensinamentos por ele deixados temo-los até hoje, independentemente de alterações dos significados de Suas palavras no decorrer do tempo.

JOÃO FRAZÃO DE MEDEIROS LIMA